

Edifícios e contexto, segundo um arquiteto¹

Adilson Costa Macedo*

Introdução

Escrevo este depoimento no ano 2025. Tenho oitenta e quatro anos de idade e labuto como profissional interessado na arquitetura da cidade. Relembro acontecimentos passados para mim importantes, talvez curiosos para os leitores, na medida em que trato da sequência de acontecimentos que levaram-me ser o arquiteto de hoje. Situações para delinear um tipo de perfil, trazer lembranças de época e pensar sobre o tempo presente. Não se trata de história, considere o texto como uma estória, sem qualquer compromisso com rigor científico. Vou contar sobre trabalho e a importância da minha família, esposa e três filhos, sempre presentes e ouvindo sobre projeto e construção! Mesmo assim, talvez por me acharem meio chato, nenhum deles seguiu a profissão do pai, nem a da mãe, pianista e psicóloga. Devo dizer que unidos realizamos boas viagens voando, navegando, rodando e andando por alguns lugares deste planeta. Os tópicos do ensaio apresentam comentários associados a conceitos que aprendi, a projetos realizados e asseguro que tudo começou antes da minha passagem pela Universidade. Procuo mostrar como algumas opções que se faz na vida são imprevisas, até se obter estabilidade em um nicho da profissão, ou seja, para onde a realidade nos leva. O depoimento se organiza por tópicos como segue:

Tópico 1. Introdução.

Tópico 2. 'O jovem arquiteto' antes de 1960 e a FAUUSP 1960-1964'.

Tópico 3. 'Vivendo em São Paulo'.

Tópico 4. 'Brasília e Cambridge, EUA'.

Tópico 5. 'A volta para São Paulo' 1984, Londres 1986, doutorado 1988, professor FAUUSP, 1990.

Tópico 6. Comentário final.

Tópico 7. Referências bibliográficas.

Tópico 8. Agradecimentos.

* Adilson Costa Macedo é Arquiteto, Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP, ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-5918-5471>>.

Nota 1 da página anterior:

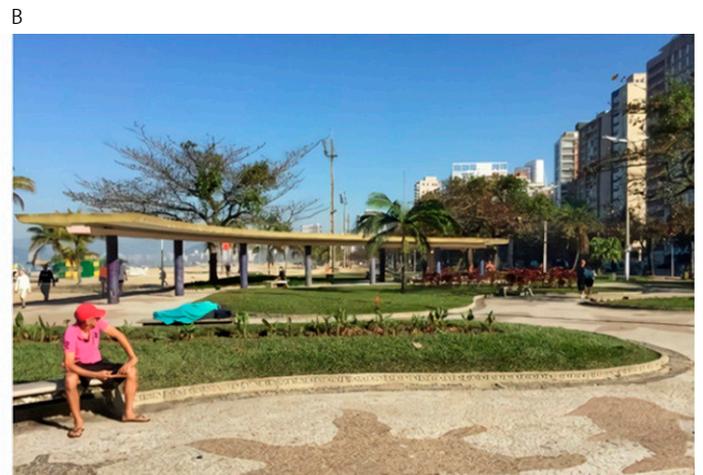
¹ Pouco da história de um arquiteto, ou melhor, a “estória” do cidadão-arquiteto-professor que há sessenta anos observa cidades, edifícios e inventa espaços. Interessei-me por arquitetura e projeto urbano devido à presença do meu pai, arquiteto e conhecedor da construção civil. Cursei a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAUUSP (1960 -1964), e estudei em universidades do exterior. Interessa-me o que aprendo no ambiente acadêmico e no profissional (1960-2025). Olho com atenção a configuração das cidades, suas partes e considero fundamental o tipo de espaços e o que dizem as pessoas. Interpretar as necessidades daqueles que pedem o projeto, seja ele grande ou pequeno. A troca de ideias com colegas e alunos e o pouco da convivência com reconhecidos mestres foram importantes para mim. Aprendizado que influenciou na minha maneira de estudar a forma e projetar a cidade. Hoje em dia adoto procedimentos de trabalho que reuni no e-book publicado em 2000 e neste depoimento trago lembranças outras de como aqui cheguei, os projetos para residências e momentos vividos.

Figura 1: A - entrada do túnel Rubens F. Martins; fonte: cartão postal, final dos anos 1960. B - detalhe da Praça do Boqueirão; fonte: Arquivo do autor.

O jovem arquiteto

Estamos no ano 2025 e aproveito para contar um pouco da minha história, como uma estória, pois, ela se desprende de informações comprovadas. Ainda menino tive contato com projetos e obras através do meu pai, carioca que deixou a faculdade de engenharia no Rio de Janeiro para se casar e ir morar em Santos. Ele se tornou um ‘projetista’ - arquiteto sem diploma - que trabalhou entre 1939 e 1985, de maneira independente e como funcionário da Prefeitura do Município de Santos, Divisão do Plano da Cidade. Eduardo Costa Macedo ficou conhecido devido a seus projetos de ‘arquitetura moderna’ e respeitado por arquitetos e engenheiros. Criança eu o acompanhava, apreciava meu pai desenhar e visitar construções. A figura 1 ilustra trabalhos do Macedo, como era chamado. Na figura 1A, o espaço como um lugar que se tornou conhecido na cidade por ‘Boca do túnel para São Paulo’ e o segundo a ‘Praça do Boqueirão’. Dediquei a praça um artigo publicado em *Arquiteturismo*, do portal Vitruvius (MACEDO, 2016).

Antes de 1964, ano em que recebi o diploma estava no caminho para ser um profissional do tipo ‘desenhador’, aquele que projeta edifícios, espaços livres e a cidade, trabalha em equipe, visita obras, projeta espaços novos e trata de renovar os antigos. Estudando e trabalhando obtive o diploma de arquiteto pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAUUSP, em 1964. Nunca tive qualquer pretensão de chamar para mim as atribuições de ‘planejador urbano’. Planejo apenas o desenvolvimento de um projeto e organizo as implicações dele com o contexto. Participei como júnior em escritórios de ex-professores e colaborei por bastante tempo com o meu pai. Confiante no filho ele procurava me passar um que outro projeto através de seus contatos. Certa vez convidou-me para o projeto de um seu cliente e prometeu não dar muitos palpites ... O terreno se localiza em uma das principais avenidas de Uberaba, MG. Por solicitação do proprietário a casa deveria ser térrea, assente em um lote relativamente grande. Quanto a esta casa muito me deixa lisonjeado ela ser vizinha de um sobrado construído há cinco e cujo projeto foi do meu pai Eduardo Macedo. Com certeza o novo projeto foi negócio de pai para filho!





A



B

Figura 2: Duas casas em Uberaba, MG. Fonte: fotos A e B, acerca de 1970, arquivo do autor.

A figura 2 mostra as duas casas; em 2A o projeto de Eduardo, em 2B projeto do Adilson. Observando as duas fotos enquanto organizava este depoimento, comecei a pensar o seguinte: o sobrado projetado por meu pai transpira graça e beleza através da liberdade de traços. Característica presente no projeto da Praça do Boqueirão e o motivo para ele ter sido procurado para o projeto da casa. O senhor de Minas Gerais estava passeando em Santos no Boqueirão, gostou do projeto e foi procurar o Eduardo para o projeto de sua casa. Eles acabaram se tornando amigos, nossas famílias também e certo tempo depois é que surgiu o projeto da casa vizinha. Ficou-me a indagação sobre a graça da arquitetura moderna do pai e a racionalidade do que o filho aprendeu na universidade. Talvez, tendências daquela época! Reparem na figura 2.

Dentre outros trabalhos com apoio paterno, destaco o projeto de um edifício para três famílias, amigas entre si. Um prédio de três apartamentos de 162,00 m² cada; um por andar, localizado na Ponta da Praia, cidade de Santos. Projetado de acordo com o permitido no lote: 'pilotis mais três pavimentos', uma exigência do plano diretor da cidade. Quanto ao prédio minha proposição inicial foi que ele tivesse uma configuração, digamos 'brutalista', ou seja, acabamento em concreto aparente mostrando as marcas das formas e, que na fachada frontal as esquadrias de vidro e alumínio acompanhassem o balanço, virando até encontrar as colunas em cada um dos lados. Proposta típica da faculdade onde eu estudei! Os proprietários não embarcaram na minha ideia e pediram para que fosse alterado o acabamento, usando revestimento no concreto e a redução da extensão das janelas da fachada. Fiquei chateado na época, mas, hoje considero ser alguém que aprendeu com a realidade. O argumento do meu pai era de que concreto a vista em Santos sofreria com a maresia, de certo envelheceria rapidamente e se tornaria de difícil e dispendiosa manutenção. Eu tinha ouvido isto antes e hoje reconheço ter aprendido com tal lição A construção do prédio foi iniciativa das famílias e fiquei satisfeito quando tempo depois os encontrei como vizinhos felizes em seus apartamentos! Contaram-me sobre as qualidades do prédio, bonito e algo chique na cidade de Santos daquela época; três pavimentos com elevador!



Figura 3: Edifício Valéria, Rua Ricardo Pinto, Ponta da Praia, Santos, SP. Fonte: fotos, arquivo do autor.

Na figura 3, aparece o Edifício Valéria. Em 3A, a calçada de influência do Rio de Janeiro e em 3B (como em 3A) as janelas de tamanho reduzido, mas ainda generosas quanto suas dimensões na relação entre o espaço interno e o exterior. O térreo, um espaço multiuso permite para quem chega rápido acesso ao *hall* de escada e elevador. Construído o prédio seria ajustada a posição definitiva para os automóveis e os moradores então decidiriam sobre eventuais complementos.

Vivendo em São Paulo

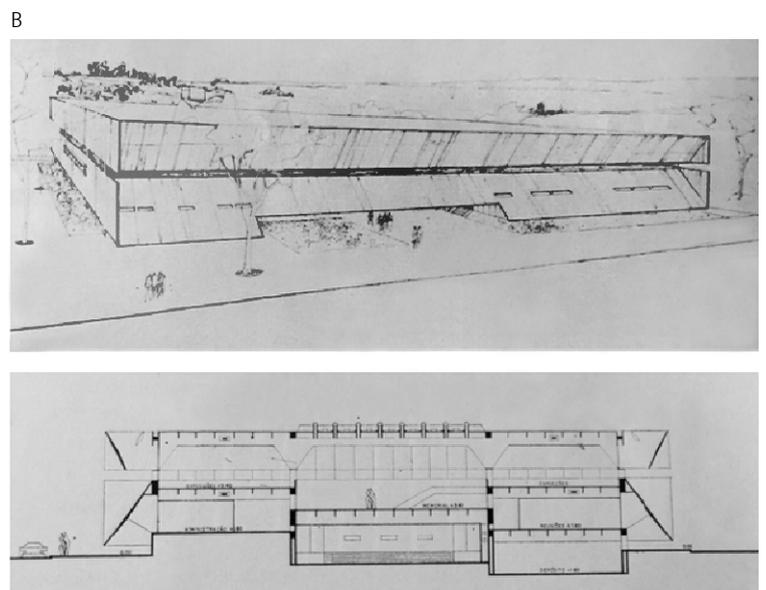
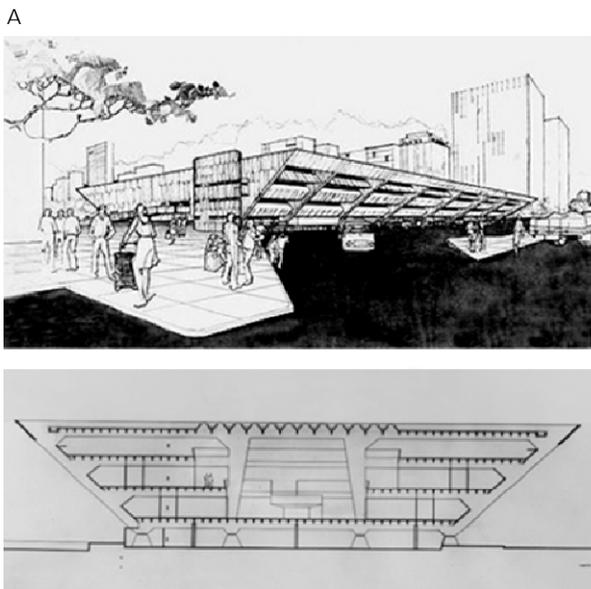
Diplomado pela FAUUSP passei certo tempo em Santos e depois fui para São Paulo, dividir com mais dois amigos um apartamento, quarto e sala, do Edifício Copan, contentes por residir em um projeto de Oscar Niemayer. Nos primeiros anos em São Paulo participei de concursos para anteprojetos promovidos pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil, IAB. Com meus colegas, equipes diversas recebi dois primeiros prêmios, um no Rio Grande do Sul e outro na Bahia. Premiações sem que houvesse posterior contrato para dar continuidade ao projeto. Isto afetou bastante minhas finanças e colocava o IAB em descrédito quanto a promoção de concursos. Devo lembrar que os concursos patrocinados pelo Instituto eram divulgados apresentando programas de necessidades muito simplificados, o que talvez fosse uma das causas de seu fracasso quanto a continuidade na implantação dos projetos. Causa e reflexo do conceito de 'grandes gestos', relativos ao esperado pela arquitetura oficial daquela época. Os concursos, desenvolvidos em equipe com

outros colegas foram um momento de transição do meu pensar sobre os espaços, no sentido de estudar e atender mais de perto os programas solicitados por clientes. Dois anteprojetos vencedores que para mim serviram de referência para avaliar a solicitação de clientes face a demanda de espaços, os recursos financeiros e em certos casos, a identificação de parceiros para realizar a construção. Pensei que uma boa atitude seria não impor o monobloco de concreto armado justificado pelo impacto visual e a promessa de que em um espaço interno grandioso haveria diferentes alternativas para acomodar o programa. Dito de outra maneira, promover a ideia de que a grande caixa resolvida por uma generosa e bela estrutura de concreto armado, seria capaz de acomodar espaços diversos por natureza, figura 4.

Aparece em 4A uma perspectiva e um corte do anteprojeto com o qual os arquitetos Adilson Macedo, José Magalhães Jr. e Massimo Fiocchi receberam o primeiro lugar no Concurso para o Mercado Municipal de Porto Alegre, unidade central - Instituto dos Arquitetos do Brasil, 1967. Em 4B, os desenhos para o concurso de anteprojetos para a Casa Edgard Santos, Centro Cultural da Universidade da Bahia, na cidade de Salvador, 1969, cuja equipe formada por Adilson Macedo e Eurico J. Salvati recebeu o primeiro prêmio. Mostro estes desenhos para caracterizar a época quando vários concursos públicos oficializados pelo Instituto de Arquitetos do Brasil se realizaram e poucos projetos chegaram à construção. Para mim tudo isto foi uma lição no sentido de que o programa de necessidades de clientes deve ser muito bem estudado e adaptado a realidade de cada situação, figura 4. Em 4A, Porto Alegre; em 4B, Salvador.

Para nós, Ana Maria e eu, passado a fase dos concursos veio o sentimento de que precisávamos ter uma situação financeira mais estável. Ela era professora de uma escola municipal, tinha alunos de piano e eu fui em busca de um emprego. Com carinho cuidávamos de nosso filho Alexandre. Então, trabalhei por ano e meio no escritório do arquiteto Joaquim Guedes. Nosso apartamento era perto da casa

Figura 4: Concursos para anteprojetos 1967 e 1969. Fonte: arquivo do autor.

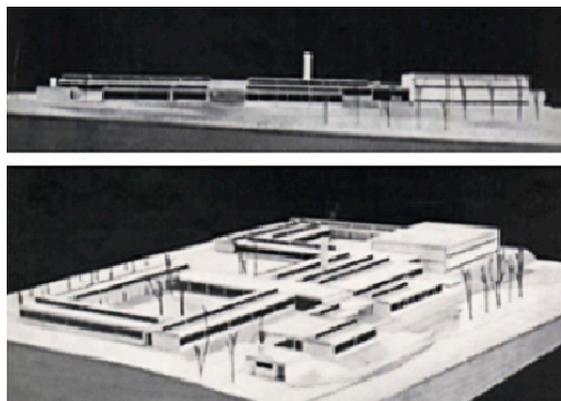
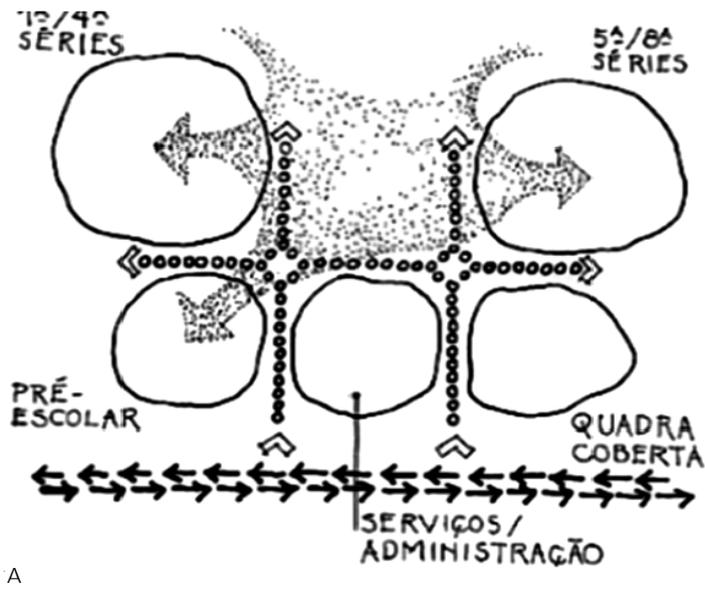


onde o professor construiu um pavilhão-escritório nos fundos do terreno. Ana Maria e eu passamos a ser amigos do Guedes e da sua esposa Liliane, as vezes conversávamos ao final da tarde e a Ana Maria tocava piano. Gostávamos de ouvir música e o professor conversava sobre modos de ver e projetar Arquitetura (ele gostava dos meus trabalhos, apesar dos seus característicos senões!). Desenhista naquela época e hoje arquiteto o Kunio Hanayama conheci no escritório do professor, fizemos boa amizade e após as horas regulares de trabalho íamos a pé para o prédio onde eu morei com a Ana Maria e nosso bebê. Assim trabalhávamos nos 'bicos' que eu conseguia. Foi um tempo bom e inesquecível! Um que outro final da semana, o Kunio ficava trabalhando e nós fugíamos para ir ao cinema. A seguir fui admitido como funcionário do Fundo Estadual de Construções Escolares, FECE, emprego seguro, onde vivenciei outro tipo de aprendizado e de relações entre as pessoas.

No FECE houve a oportunidade para eu elaborar um projeto de caráter experimental tendo em vista novas diretrizes curriculares, novo programa didático e necessidades de espaço físico para as escolas do Estado. O projeto foi elaborado em parceria com o arquiteto Danilo Bassani, diplomado comigo na turma de 1964. O objetivo foi experimental tanto para o FECE quanto para nós arquitetos devido a chance de esmiuçar o programa de necessidades e a sua inteiração com o lugar da construção. Trata-se do E.E. Brigadeiro Gavião Peixoto, localizado em Vila Perus, município de São Paulo, SP. Este trabalho permitiu-me testar uma sistemática para a pré-figuração do edifício, a partir dos espaços de circulação, interesse comum, maior permanência e contrapontos com áreas verdes internas e externas. No plano teórico procurei buscar apoio nos conceitos de diversos autores, pois, internacionalmente as tendências eram diversas quanto a arquitetura e ao *urban design*. Considerado o programa do cliente passei a usar diagramas explicativos da ideia inicial para organizar os espaços e continuei depois nesta linha de trabalho ao enfrentar programas para prédios maiores. Destaco o livro 'Site Planning' do professor Kevin Lynch e replico um trecho do livro 'The City Image' publicado dois anos antes nos Estados Unidos, para recordar os cinco elementos da imagem de uma cidade, segundo o autor.

O conteúdo das imagens de cidades até aqui estudadas, que remetem às formas físicas, pode ser adequadamente classificado em 5 tipos de elementos: 'vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos'. Em verdade esses elementos podem ter aplicação mais geral, uma vez que aparecem em muitos tipos de imagens dos ambientes, como pode demonstrar uma consulta ao Apêndice A'. (LYNCH, 2006), Escrito original de 1960

Estávamos motivados a estudar os requisitos do programa de necessidades para um prédio experimental representativo de um novo sistema de ensino. Oportunidade para repensar o espaço físico para uma escola. Assim fomos adiante com interesse para encontrar a maneira adequada para organizar os espaços e desenvolver o projeto. A partir de cada grupo de espaços, pois estes deveriam acolher menores de quatro até dezessete anos de idade. Junto com meus colegas fomos tentando achar diagramas úteis para a espacialização (considerado o local onde seria construída a escola). Entre várias tentativas, a escolhida para encaminhar o desenvolvimento do projeto de arquitetura foi a representada pelo diagrama da figura 5, desenho 5A.



B

C

Figura 5: Distribuição de espaços por idade das crianças, circulação e áreas de maior permanência das pessoas. Fonte: 5A - diagrama do autor, 1967; 5B - maquete 1968; 5C - foto aérea Google Earth 2022.

Em 5B mostra-se a configuração volumétrica representada pela maquete do prédio, em 5C uma foto aérea do Google Earth. Nela é possível observar a cobertura nova de estrutura metálica - sem fechamentos laterais - destinada a abrigar uma quadra para jogos das crianças de seis a dez anos. Veio de uma necessidade (ideia nova!) verificada quando o prédio tinha oito anos de inaugurado. Fui consultado pelo FECE, sobre a ampliação e disse que uma ideia como esta é bem compatível com o sistema aberto indicado no diagrama 5A. O terreno onde a escola foi implantada estava por inteiro terraplenado em um nível mais alto que a via de acesso; mais ou menos três metros acima do ponto médio da via de acesso. No projeto desenhamos acessos para pedestres utilizando rampa e escadas. Por estes caminhos se adentra ao prédio. Para o pré-escolar, as dependências ficaram em nível intermediário com relação ao acesso a plataforma maior e mais alta do conjunto. Quanto a comunidade do bairro que perdeu seu campo de futebol brincávamos, dizendo que o Brasil precisaria ter tantas boas escolas quanto campos de futebol!

Passado certo tempo fui trabalhar em Croce, Aflalo & Gasperini, Arquitetos, onde convivi com uma estrutura bem maior de escritório, para São Paulo dos anos 1970, tempo no qual os arquitetos jovens mudavam bastante de local para trabalhar. Por interesse pessoal procurei conhecer o pensamento de reconhecidos profissionais do âmbito internacional; além de Mies van der Rohe - cultuado no escritório onde trabalhava - procurei saber de Richard Meier, Peter Eisenman, Rem Koolhaas e sobre o escritório de Norman Foster em Londres, que nesta época já assumia importância internacional. Como um jovem arquiteto eu buscava agregar conceitos de apoio para melhorar minha maneira de projetar. Continuei estudando e interessou-me um britânico radicado nos EUA, Universidade da Califórnia, Berkeley, chamado Christopher Alexander; também as pesquisas e trabalhos realizados pelo holandês John Habraken e os projetos do escritório francês de Candilis, Josic & Woods. Nunca deixei de rever os elementos da imagem da cidade de Kevin Lynch e da paisagem urbana de Gordon Cullen. Alguns livros de autoria deles ou citações sobre tão destacados mestres relaciono no tópico 'Referências bibliográficas'.

Doutra parte sempre pensei sobre a simplicidade e justeza de como meu pai levava os projetos e tratei de dar abertura a outras maneiras de ver a arquitetura. Repassei os conselhos de um ótimo professor da FAUUSP chamado José Claudio Gomes, que mais tarde foi o meu orientador no doutorado. Ele apreciava os projetos de Frank Lloyd Wright, de Alvar Aalto e de outros 'organicistas'. Claudio Gomes era um arquiteto do tipo intelectual, conhecedor e crítico do que rolava mundo afora. Pensando nos alunos, o professor organizou uma apostila referente ao 'urbanismo moderno' mostrando as possibilidades para a organização de quadras e superquadras segundo o pensamento daquela época. O contato com ele ampliou a minha visão da teoria para além do que fluía na faculdade, tão voltada para os conceitos de J. B. Vilanova Artigas e depois, P. M. da Rocha (GOMES, 1964).

Tomei gosto por leituras sobre urbanismo, encantava-me tanto as ideias de Ebenezer Howard (1902) para as cidades novas inglesas quanto o relatório de Lúcio Costa para Brasília, (COSTA, 1957). Segui interessado por autores como Christopher Alexander, matemático, conhecido naquela época pelo texto 'A city is not a tree', de 1965, e desde 1963 publicou vários livros estimulantes no sentido de relacionar arquitetura ao contexto urbano; o último que tive conhecimento foi 'A new theory of urban design' de 1987. No tópico 'Referências bibliográficas' aponto para outros títulos de Alexander, tendo a ver com o assunto central deste depoimento (ALEXANDER, 1963- -1987). Continuei olhando projetos de Richard Neutra e Alvar Aalto, arquitetura e a maneira de construir. Nesta época conheci o livro de Gordon Cullen 'The concise townscape', onde o autor introduziu o conceito de 'visão serial'. Cullen trouxe a ideia de que observar a cidade pode ser mais do que simplesmente olhar, pois, ela inclui aspectos emocionais e psicológicos que as pessoas podem ter quando se movem através de determinado espaço (CULLEN, 1961). De grande interesse para mim foram e continuam ser as leituras de europeus como John Habraken e os projetos do escritório Candilis, Josic e Woods, onde os arquitetos trabalham com a 'práxis' dos sistemas abertos. Também Norman Foster por sua visão lógica mostrada através de projetos de grande porte produzidos no seu escritório de amplitude internacional.

Brasília e Cambridge (EUA)

Em 1971, deixei o escritório dos meus ex-professores Croce e Gasperini, para ir trabalhar em Brasília. Com minha esposa e um filho mudei para o planalto central do país. Convidado para ser professor da sequência de projetos do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, UnB, onde comecei por uma disciplina ministrada no verão (férias) em janeiro de 1972; eu que nunca havia dado uma aula! O atrativo era ser professor e a possibilidade de desenvolver projetos no CEPLAN, órgão da administração central da universidade gerenciado pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo, onde são desenvolvidos os projetos para o campus universitário. Durante os catorze anos que residimos lá, obtive bolsas para o exterior e mais dois filhos (ao todo três, o suficiente!). Doutra parte eu senti que sendo professor da universidade teria mais tempo para estudar, além das aulas e demais compromissos. Aconteceu aos poucos eu ficar envolvido no CEPLAN, reativar projetos em andamento e participar de outros que foram financiados pelo BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento. Assumi a coordenação do CEPLAN, após realizar o projeto para os laboratórios de Medicina Tropical. O projeto foi bem aceito pelos professores e isto considero reflexo de o programa de necessidades ter sido esmiuçado junto com eles! Acabei sendo designado pela Reitoria para os projetos da Faculdade de Ciências da Saúde e da Faculdade de Tecnologia, cujo financiamento foi do BID e o tempo para os projetos e as providências para as obras muito apertados. Consultores internacionais do Banco acompanhavam de perto e eram impiedosos quanto aos prazos. O resultado foi tudo ter acontecido em boa paz, mais ou menos dentro da expectativa. Foi meu companheiro nesta façanha o professor, arquiteto gaúcho Érico Weidle, especialista em sistemas construtivos. Para mim o que importou desta história e isto não é estória - conversa fiada - é que trabalhei com professores, colegas da arquitetura e dos laboratórios de medicina e da tecnologia, sem contar os colegas recém-formados pela UnB, contratados avulsos e o pessoal da parte administrativa da universidade. O programa para a Tecnologia era o mais simples, pois eles já possuíam alguns galpões para trabalhos de pesquisa, por sinal, projetos do Lelé - João da Gama Filgueiras Lima - grande nome da arquitetura brasileira. Terminados os dois projetos, considerei que desde o projeto para a escola de Perús em São Paulo e do prédio para o Laboratório de Medicina Tropical e a construção da casa para minha família em Brasília, térrea de 240,00 m² em um terreno grande do Lago Sul, cresceu ainda mais para mim, como a procura para atender as necessidades das pessoas pode ser estimulante, desde que o arquiteto não se prenda a ideias dogmáticas: por exemplo o monobloco de estrutura de concreto bem proporcionada, que me perseguiu tempos atrás.

Antes de comentar sobre os projetos para a UnB começarei pelo exemplo de nossa própria casa. O terreno situado no Lago Sul tinha nos primeiros anos da cidade uma vizinhança rarefeita. Isto fez com que projetasse o setor dos quartos tendo por extensão uma varanda, pergolada e murada para proteção à noite - o terreno de 800m² só algum tempo depois foi cercado por uma grade baixa e daí adquirimos um cachorro. Na verdade, o terreno de 20 x 40,00 m expandiu-se para 1.800 m², pois o GDF (Governo do Distrito Federal) permitia e até estimulava tal situação, para economizar com a manutenção dos espaços públicos da cidade com tantas áreas verdes. O terreno de 800,00m² passaria a contar com 10,00m a mais ao longo da esquina e mais 20,00m no fundo. Com certeza as áreas acrescidas, onde não é permitido construir passariam



Figura 6: Casa em Brasília DF.
Fonte: foto, arquivo do autor.

a ser cuidadas pelo proprietário do lote. Daí a economia que resulta para o erário público! Na casa, a sala com vidro temperado do chão ao teto possibilita uma vista aberta para o Lago Paranoá. O pequeno projeto e a obra usando materiais locais e 'mão de obra meio desqualificada' serviram de treino para o meu dia a dia das aulas e dos projetos para o campus da UnB, figura 6.

No CEPLAN continuei tentando apurar o conceito de organização dos espaços para ser adotado nos projetos da Faculdade de Ciências da Saúde, FS e da Faculdade de Tecnologia, FT. Eu vinha da experiência com o projeto da escola em Perus/SP e o prédio Laboratórios do Núcleo de Medicina Tropical, apoiado na base de estudar o programa, detectar as partes, entremear com pátios abertos e deixar locais para ampliações futuras. Até hoje tenho notícia que apenas uma ou duas extensões aconteceram no prédio dos laboratórios. Este prédio foi previsto para ser ampliado gradativamente, pois foi pensado para receber novos grupos de pesquisadores, e a construção financiada por entidades internacionais. Na figura 7, mostro um croqui feito com colegas do CEPLAN, eu na condição de consultor, pois já estava morando em São Paulo. Pode-se notar o princípio de crescimento gradativo, o prédio crescer da esquerda para a direita. Com certeza ampliações poderão ocorrer também para o lado esquerdo! Há uma nota no memorial explicativo deste projeto, para que as ampliações se conectassem aos terminais de circulação deixados em cada etapa e as partes novas serem projetadas segundo as ideias dos novos arquitetos encarregados pelo projeto, ou seja, usar materiais e as técnicas construtivas do porvir e, dependendo das exigências, construir pavimentos elevados acoplados ao existente. Fico pensativo quanto a ampliação já realizada, no sentido de terem repetido o existente, ao invés de inovar. Talvez pelo lapso de tempo ter sido pequeno. No futuro, quem sabe, poderiam ser conectados anexos com mais do que um pavimento e estrutura metálica! Pintadas de roxo, como de brincadeira eu provocava os colegas jovens.

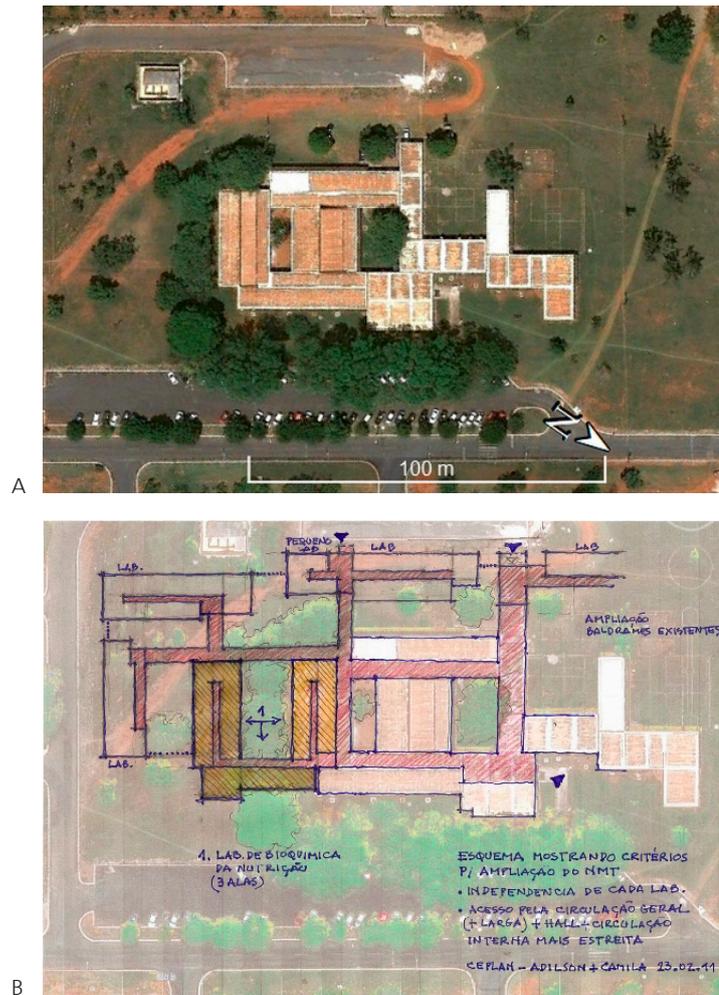


Figura 7: Núcleo de Medicina Tropical, ano 2018. Fonte: Google Earth Pro e croquis do autor com colegas do CEPLAN.

Acima mostro uma foto do Google Earth de 2018, em 7A a primeira ampliação realizada e em 7B um dos esquemas que rabiscávamos para simular como o prédio poderia crescer; explorando a possível sucessão de pátios, adequados ao clima seco de Brasília e bom para amenizar a visual durante o trajeto pelos corredores. Deixando a UnB para ir novamente residir em São Paulo, costumava voltar a Brasília convidado pelo CEPLAN, para seminários de apoio ao plano do campus e discutir um que outro projeto. A foto e o croquis da figura 7B exemplificam o que fazíamos juntos, como o caso de possível ampliação do prédio de laboratórios.

A concepção do projeto para a Medicina Tropical reflete o princípio de organização espacial e o tipo de sistema construtivo que já havíamos aplicado para o colégio de Perú/SP. Reflete um pouco da racionalidade observada em Candilis, Josic e Woods e bastante do que aprendi com meu amigo Joaquim Guedes, por sinal, quando mostrei a ele o projeto do colégio de Perú ele sorriu e disse que eu estava começando a ser um arquiteto de verdade. Ele não criticava demais os colegas, mas mostrava não ser grande admirador das caixas de concreto armado confinantes do programa de necessidades, e por isso, o Guedes e eu concordávamos em diversas questões e até conseguíamos dar aulas juntos no programa de pós-graduação da FAUUSP.

Acentuo mais uma vez que a boa interpretação do programa de necessidades influi na concepção dos espaços do projeto, usando agora dois exemplos para áreas construídas grandes. Na figura 8, em 8A aparece o primeiro prédio destinado para abrigar a Faculdade de Ciências da Saúde, onde realço como a sistemática de pensamento para espaços articulados por partes foi utilizada. O programa de necessidades previa uma área administrativa relacionada a direção da escola e aos departamentos, auditórios para apoio a aulas e um auditório maior para servir o todo da universidade, um conjunto de laboratórios multidisciplinares para os alunos de graduação, uma área grande para laboratórios de pesquisa, biotério e outras dependências complementares. E, orçamento meio apertado para construir! Tudo foi pensado juntando as partes de maior permanência através de circulações saindo das galerias principais de uso comum, onde nas extremidades foram situadas as dependências de apoio geral, como os auditórios. As dependências destinadas aos laboratórios de pesquisa ficaram no bloco central servido por elevador. Existem duas passagens transversais que atravessam os prédios, o da Saúde e o da Tecnologia, articuladas com as circulações de pedestres que são frequentes no campus. O biotério no terceiro pavimento, entre outras vantagens relacionadas a ventilação serve para facilitar a exalação de gases. Na figura 8A observe os jardins. Separam atividades afins com a vantagem de as salas terem iluminação natural.

Na figura 8B, Faculdade de Tecnologia, aparece uma forma de organizar os grupamentos de espaços como os da Medicina. Isto decorrente da maneira de entender o programa de necessidades, suas partes e a articulação informal com o todo, para disto resultar o aspecto final da construção. Somam-se os dois grandes galpões para Hidráulica e Mecânica, onde pelo tamanho e o ruído que produzem foram separados da parte onde os espaços são menores e articulados por proximidade. Há espaço livre defronte os galpões grandes esperando construções que poderão interagir no futuro. Penso ser o esforço para hoje articular os espaços ser útil, uma sugestão para se obter espaços em conformidade com a ideia de 'projeto aberto' que possa acolher adendos no futuro, com volumetria relativa a novas realidades dando continuidade a planta aberta.

Figura 8: Faculdade de Ciências da Saúde e Faculdade de Tecnologia – situação em 1982. Fonte: Google Earth Pro, 2011, foto A, medicina e B, tecnologia.

A



B



Os dois conjuntos, para Saúde e Tecnologia, pertencem a fase da implantação da UnB acerca de 1970 a 1980, quando o campus universitário ainda era rarefeito. No CEPLAN, à sombra dos projetos monumentais de Niemayer e outros como o projeto para a Biblioteca Central e da Reitoria, fui solicitado para projetos que não precisariam ter o caráter dos primeiros. Quesitos bons no sentido de haver brecha para introduzir construções mais simples, econômicas, bem-feitas e com certeza bonitas! Em paralelo ao desenvolvimento dos projetos tive oportunidade em participar de discussões sobre o campus, seus requisitos para desenvolvimento físico. Trabalhei bastante sobre o assunto e acabei sendo consultor do Ministério da Educação e Cultura, MEC. Visitando diferentes campi senti a exceção da UnB no sistema das universidades federais, dado ela estar situada na capital do país. Sobre arquitetura posso dizer que os espaços de acesso a um edifício, cada corredor de circulação, a articulação dos ambientes cobertos, a forma volumétrica articulada aos jardins internos e aqueles externos ao redor, são elementos para serem desenhados com atenção, pois eles irão fazer parte de ambientes conjuntos. Daí poderá resultar a graça e a leitura fácil dos espaços.

Como ilustração do que foi pensado e se tornou realidade no campus da UnB apresento a figura 9, onde procuro mostrar o que conseguimos, croquis e fotos da FT, que representam a mesma ideia utilizada para o projeto da FS. Reforço que as boas ideias vêm de aprofundar o conhecimento das necessidades das pessoas, aprofundar o desenho de cada espaço, das técnicas construtivas adequadas de acordo com recursos financeiros possíveis e materiais para construção disponíveis.

Figura 9: Croquis e vista de trechos da Faculdade de Tecnologia
Fonte: CEPLAN UnB e fotos do autor (~1980).



Isto é fundamental, para as escolhas a serem feitas pelo profissional arquiteto de acordo com as finanças e os desejos do cliente. Deve existir abertura da parte do arquiteto para aceitar ideias oriundas de seu cliente, sobre repropor e aprofundar a maneira de agenciar a construção. A Figura 9 ilustra a pré-figuração de trechos de um projeto que relaciona a circulação com os locais de maior permanência e podem se incorporar ao desenvolvimento geral de um projeto. Na figura 9A usando um croqui mostra-se o caminho de quem adentra o espaço querendo chegar ao setor administrativo da faculdade ou ao auditório maior (para duzentos e cinquenta pessoas). Em 9B, aparece na foto do final da obra um corredor avarandado de ligação interna do conjunto construído. Na figura 9C, o corredor no espaço interno, e na foto em 7D um espaço de chegada ao prédio.

Fiquei impressionado quando na Alemanha, 1991, visitei o Edifício da Orquestra Filarmônica de Berlim, projeto do arquiteto alemão Hans Scharoun, obra inaugurada em 1963 e referenciada como arquitetura orgânica. Algum tempo antes em Chicago, EUA, perto do campus da universidade conheci a Robie House, projeto de Frank Lloyd Wright, 1910, primoroso exemplo do partido orgânico na arquitetura. Para mim isto se interpôs com os sistemas abertos de interpretar os programas de necessidades do cliente que adotei e a presença do verde que aprendi com Ebenezer Howard, precursor da ideia para as cidades-jardim, e, ele nem era um arquiteto!

Eu sonhava conhecer outros países e a minha esposa é muito animada! Como professor da UnB e acervo significativo de projetos realizados fui aceito para o programa de mestrado na Graduate School of Design /GSD, Harvard University, EUA (1975-77), e isto marcaria uma nova etapa da vida de nossa família (dois filhos). Para mim, devido a oportunidade de participar de um curso de projeto urbano de alto nível e estar com a família por dois anos em outro país. Com certeza amparado pela bolsa de estudos do governo brasileiro, mais algumas reservas pessoais e o aluguel da nossa casa. No programa de *urban design* entre outras (poucas) disciplinas os alunos deviam participar de dois estúdios principais. O tema para o segundo estúdio (1976/77) foi 'Center of the East Cambridge Riverfront Revitalization', com o subtítulo: 'Center of the East Cambridge Riverfront Park'. Este projeto encontrava-se em fase inicial de desenvolvimento pela Prefeitura de Cambridge, para ser implementado através de recursos privados e públicos (cerca de 75% privados, complementados por públicos). Nós alunos, tínhamos abertura para participar das reuniões oficiais na prefeitura e as pessoas da comunidade eram convidadas para participar de nossos *workshops (charretes)* na escola. Pensei ao início tal relacionamento poderia ser devido ao prestígio de Harvard, mas, percebi aos poucos que era mesmo um interesse natural da comunidade, ressaltado dizer, que estes encontros fizeram-me pensar sobre o quanto estávamos longe de equanimemente discutir questões de interesse coletivo no Brasil; muito menos aquelas de projeto para um trecho da cidade. Para dar uma ideia do espaço de entorno deste projeto mostro a figura 10. Trecho ao longo do Charles River que separa o município de Cambridge de Boston, a Longfellow Bridge e a Memorial Drive, via marginal que acompanha o rio e passa pelo nosso projeto. Sobre o projeto urbano mostro duas imagens na figura 11. Em 11A, o plano básico - *site plan* - elaborado por nossa equipe de três alunos, e destaque em 10B uma vista aérea de East Cambridge, de 2023. Revisitei este local após dezesseis anos (~1996) e dentre muitas fotos separei a da figura 12, que considero significativa para quem se interessa pelo tempo para implantação de um projeto urbano. Em Cambridge a iniciativa privado-público levou doze anos até sua entrega final, tudo pronto, arborizado, sinalizado e com mobiliário urbano de primeira! figura 12.



A

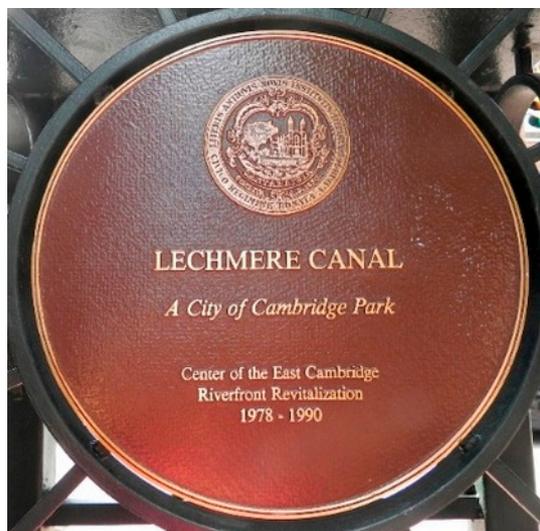


B

Figura 10 (topo): O Charles River que separa Cambridge de Boston e o percurso pela Memorial Drive, chegando ao nosso trecho para estudo. Fonte: Wikimedia Commons / 26.08.2025.

Figura 11 (centro): Em 11A, projeto da minha equipe de alunos e em 11B, foto aérea, do projeto privado-público que foi implantado. Fonte: 11A - diagrama do autor; 11B - foto aérea Google Earth 2023.

Figura 12: Placa comemorativa do Riverfront Revitalization – período da implantação deste projeto, doze anos. Fonte: foto do autor, 1996.



Na região de New England, estado de Massachussets, onde se encontram as cidades de Boston e Cambridge, há muito da história norte americana e muito de planejamento urbano, paisagismo, projeto urbano e boa arquitetura das edificações. Faço lembrar o arquiteto Hideo Sasaki, nato da Califórnia, que viveu de 1911 a 2000. Sasaki foi professor e chefe do departamento de arquitetura da GSD/ Harvard, no período de 1958-1968. Em 1953 abriu o escritório Sasaki Associates que funciona até hoje com localização em Massachussets, Califórnia, e outros dois ou três estados; tem cerca de trezentas pessoas trabalhando. Consta que Sasaki costumava dizer que os prédios são elementos da paisagem assim como a vegetação e tudo o mais; sem dúvidas uma instrutiva lição. No tempo em que morei em Cambridge tive oportunidade de conhecer duas obras muito interessantes do escritório Sasaki Associados: 'The Cristian Science Plaza Boston' e o 'Boston Waterfront Park', inauguradas em 1970 e 1974. Elas espelham o espírito do mestre Sasaki, a qualidade dos elementos dos espaços abertos no contexto intraurbano.

Outra referência importante para o projeto e o planejamento urbano atual considero ser do arquiteto Peter Calthorpe - Universidade da Califórnia, Berkeley - cujo pensamento se tornou importante para a compreensão do projeto, as relações regionais intraurbanas e mesmo pensar sobre um agrupamento menor. Voltados para o planejamento urbano estes autores incorporam conceitos da cidade-jardim de Howard e de Hideo Sasaki, incorporando a ideia de projeto integrado incluindo as pessoas / paisagem / espaço construído / implementação. Peter Calthorpe introduziu o conceito da 'cidade regional'. (CALTHORPE; FULTON, 2003).

Figura 13: A - Howard; B - Sasaki; C - Calthorpe. Fonte: Wikipedia Commons.



A volta para São Paulo

Retornando ao Brasil tratei de entrar para o programa de doutorado na FAUUSP. Ainda residindo em Brasília eu viajava para São Paulo algumas vezes para assistir aulas e falar com o meu orientador, professor José Claudio Gomes. Em seguida consegui bolsa de pesquisa do CNPQ para o exterior e rumei com a família (esposa e três filhos) para morar por um ano em Londres, UK. O trabalho de pesquisa realizado foi sobre as universidades novas inglesas, criadas e implantadas a partir dos anos 1960. Das quais os projetos foram de responsabilidade de destacados escritórios ingleses. Algumas, localizadas em cidades novas. Voltando a Brasília, logo depois a família toda trasladou-se para São Paulo. Assumi o cargo de chefe do departamento de projetos na EMURB, Empresa Municipal de Urbanização; depois passei ser funcionário da empresa de consultoria e projetos Hidroservice S/A e terminei o doutorado enquanto estava nesta empresa, ano 1988.

Interessado pelo Novo Urbanismo nos EUA, eu procurei saber do que acontecia na Europa. Em alguns países as ideias norte-americanas se difundiram mescladas com a cultura de profissionais europeus. Eu cheguei a escrever um artigo sobre o Novo Urbanismo Europeu, a seguir de outro sobre esta tendência no contexto norte-americano (MACEDO; 2006; 2007). Nesta época, a empresa DPZ foi consultora para o projeto de Pedra Branca, parte central de uma cidade nova cuja área residencial estava em obras. Pedra Branca, bairro da cidade de Palhoça, Santa Catarina, Brasil, está sendo construído por uma empresa privada. Por duas vezes fui convidado a participar de workshops no local da construção por convite dos empreendedores catarinenses. Interessante foi sentir que alguns colegas da área de planejamento da Universidade Federal junto a outros da Prefeitura Municipal execravam tal empreendimento. A força da argumentação era que deveriam estar construindo habitação popular; velha história! Hoje penso que desde minha passagem por Harvard e M.I.T. onde tive contato com diferentes professores e/ou arquitetos importantes (Lynch, Habraken, Tzonis) e assisti conferências proferidas por Rem Koolhaas, Peter Eisenman, Richard Meier e outros figurões, fui levado a repensar meu caminho como um profissional brasileiro, arquiteto e professor, sem abandonar as leituras e ensaiar escritos sobre arquitetura e projeto urbano. Minha ligação com o projeto urbano tem origem não tanto em livros, ou postura política como a de outros colegas, e sim no observar a formação física das cidades que tive oportunidade de conhecer. Aprendi a respeitar os conceitos da cidade-jardim desde Howard, e do Novo Urbanismo, particularmente, quanto a configuração de espaços e aprendi observando o crescimento das cidades brasileiras de tecido tradicional. Também aprendi pelo projeto de cidades novas no Brasil e um bom exemplo é a cidade de Maringá, PR; projeto de uma cidade-jardim, exemplo excepcional idealizado pelo engenheiro formado pela Escola Politécnica de São Paulo Jorge de Macedo Vieira, por volta de 1970 (MENEQUETTI, 2009).

Aprendi com os planos urbanísticos para os campi universitários que tive a oportunidade de projetar e/ou trabalhar como consultor para os seus projetos. Em particular a inserção do campus no contexto urbano. Desenvolvendo projetos de arquitetura para edificações não deixei de considerar o que conheci do trabalho de John Habraken, cuja disciplina atendi no M.I.T. Era sobre sistemas construtivos em série. Faço lembrar o muito que aprendi com meu amigo, o professor Joaquim Guedes e incluo em um conteúdo próximo os projetos do escritório Candilis, Josic e Woods sediado na França e que atenderam projetos habitacionais para países africanos, onde chegaram a

projetar e acompanhar a construção de cidades inteiras. Uma boa referência é o livro 'Candilis, Josic, Woods, una década de arquitectura y urbanismo' (JOEDICKE, J. 1968).

Em 1992, por concurso público tornei-me professor da FAUUSP - tempo parcial - onde compulsoriamente seria aposentado aos setenta anos. Prevendo a compulsória que aconteceria em 2011, assumi convite para ser professor da Universidade São Judas Tadeu em 1996. Na USJT, algum tempo depois foi implantado o curso de pós-graduação e então criei o GPAC, Grupo de Pesquisa Arquitetura da Cidade. No período em que trabalhei na São Judas, até julho de 2020, coloquei em prática o gosto que sempre tive por passear pela cidade observando os elementos urbanos, andando a pé pelo bairro da Mooca, na busca do potencial para o projeto de certos trechos. Conheci um pouco da Zona Leste do município e muito do subdistrito da Mooca, onde se localiza a São Judas. Junto com colegas professores percorríamos seu mapa, olhando elementos urbanos instigantes para pesquisa e projetos novos; material de trabalho para os alunos. Nesta época tive a oportunidade de conviver com professores dos quais destaco Gastão Santos Sales e Maria Isabel Imbronito e chegamos a produzir alguns artigos em parceria, que estão discriminados no tópico 'Referências bibliográficas'.

Observo São Paulo cujo tecido urbano tem sido maltratado, sem falar do verde, relativamente pouco e mal distribuído. Tomo a liberdade de lembrar os doutos planejadores urbanos que costumam se promover bastante e não fazem muito. Prioritário se faz o transporte público e o espaço para veículos individuais, o que faz sobrar poucos espaços livres e verdes na cidade de tecido tradicional. Nem falar da largura e qualidade das nossas calçadas ... Fiz um passeio pelos 'bairros jardim' e olhei os novos condomínios horizontais, formados por casas estreitas geminadas, com meio piso rebaixado como um subsolo para garagem, coletiva, e acima dois pavimentos e a cobertura para lazer (pequena piscina, abrigo para churrasqueira e floreiras). Casa geminadas para grã-finos, cercado por muro de três a quatro metros de altura (para a defesa de ladrões) com uma porta para garagem e outra social atendendo seis para mais casas geminadas em um terreno que antes servia para três ou quatro casas isoladas. O valor de julho 2025 equivalente a 3.000.000 U\$, cada unidade. Casas geminadas espremidas pelos muros altos, para a segurança das famílias ricas. Quantidade de muros que destroem a ideia do projeto inspirado nas cidades-jardim de E. Howard (não era arquiteto) e desenvolvido nos anos 1910, pela City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited, sob os cuidados de Barry Parker e Raymond Unwin. Arquitetos que na Inglaterra desenharam o ideário de Howard relativo a primeira cidade-jardim, Letchworth, distante cerca de trinta quilômetros de Londres. Nossos bairros-jardim são tombados pelo Departamento de Patrimônio Histórico, mas, por algum viés da burocracia deve ter passado as permissões para casas geminadas de gente rica, acompanhada do corte de inúmeras árvores existentes e jardins dos bairros-jardim. Mais um capítulo de 'projeto urbano em São Paulo' atendendo ao plano diretor de 2014, que foi elaborado com a supervisão de doutos planejadores urbanos. Situação que um certo dia deverá melhorar! Sobre tal assunto faço lembrar conceitos de Joaquim Guedes, muito instrutivos, expostos no artigo 'Monumentalidade e Cotidiano: a Função Pública da Arquitetura'.

Evoco alguns pensamentos muito simplificados e incompletos e, creiam-me, despreziosas considerações em que me apoio ao fazer arquitetura, dando-me algum alento e segurança diante de meus alunos '6 – Só existiremos e cresceremos como arquitetos, se realizarmos, durante nossas vidas, muitos projetos de arquitetura

e acompanharmos suas obras, levadas efetivamente à construção. Desenhos não bastam. Sem obras não somos nada. (GUEDES, Revista Pós FAUUSP n.21 pg. 033, 2007)

Para mim foi enriquecedor testemunhar como os conceitos do Novo Urbanismo e os princípios de projeto urbano aplicados em outras partes do mundo poderiam ajudar para a compreensão do que acontece no contexto brasileiro, respeitadas as peculiaridades locais. Tenho dito que no Brasil há em exagero a interferência do ‘poder público’ em detrimento a ações da sociedade que por natureza seriam do tipo privado-público. Citei que os workshops em Pedra Branca, coordenados por uma firma de *urban design* norte americana, para reforçar a importância de o planejamento ser participativo, sensível às demandas culturais e ambientais de cada região. Penso que desde os workshops em Harvard (1976, na escola e na prefeitura), eles serviram para ampliar meu horizonte como cidadão-professor-arquiteto. Hoje procuro conectar teoria, inspiração e prática, para ajudar os alunos a enxergarem a cidade como um organismo vivo, em constante evolução. Considero que as andanças pelas quais passei não me permitiram chegar a uma estrutura ampliada de escritório, mas, à semelhança do meu pai, com um pequeno escritório sempre atendi projetos e consultorias.

Em decorrência da volta para São Paulo a casa de Brasília foi vendida e partimos para construir outra casa. Escolhido o bairro compramos o terreno. Esta casa com um *hall* de entrada seguido pelo acesso ao espaço interior, mas com uma porta à direita para o escritório que recebe luz natural pelo recuo da casa à direita de quem entra. A cozinha com luz natural e ventilação pelo recuo do lado esquerdo e a sala de estar aberta para um pátio descoberto entre ela e a cobertura do espaço de lazer situada ao fundo do lote. As dependências de serviço têm acesso pelo recuo do lado esquerdo. Permanecemos nesta casa por quase vinte anos, mas, a insegurança de assim residir em São Paulo nos levou a migrar para um apartamento. Meu amigo, Joaquim Guedes, na primeira vez que nos visitou olhou tudo e não comentou, mas, em outra visita apontou para algumas - não muitas - qualidades do projeto ... Ele não era fácil e sim, muito rigoroso com princípios projetuais e a maneira de construir. Neste caso ele observou a coerência entre as partes e os materiais no sentido da economia relativa ao custo da obra. Gostou da planta da casa, das esquadrias de madeira que eram moduladas em função de alternativas de tamanho oferecida por uma fábrica de Santa Catarina, FL. Todas as janelas, portas da casa e portas dos armários embutidos foram desenhadas e encaminhadas com as especificações necessárias para a fábrica, logo ao início da obra. A ideia foi conseguir um preço bom e pagar de início por estes itens importantes. Assim amenizaríamos o impacto nas finanças que certamente viriam mais tarde. Três meses depois chegaram as esquadrias. Lembro que alguns vãos de janela estavam prontos, o que foi bom para verificar os tamanhos e nos deixar tranquilos. Figura 14.

O escritório-casa traz-me lembranças do tempo em o arq. Sergio Vale Dias Junior trabalhou comigo, ele foi meu aluno na São Judas e se formou um bom arquiteto; ficamos amigos. Contávamos com a ajuda de um que outro arquiteto recém-formado ou estudante, para quando havia mais trabalho. Desta época destaco o estudo inicial para o campus da Universidade Federal de São Carlos em Sorocaba, tal designação foi atribuída pois, a Federal de São Carlos implantada anos antes fora escolhida para dar suporte a implantação do novo campus. Eles possuem um completo departamento de engenharia. Usaram a estratégia de organizar a licitação pública do ‘estudo preliminar para a implantação do campus’, para seguir depois com as licitações para os projetos (infraestrutura, prédios etc.). O plano para o campus vencemos com

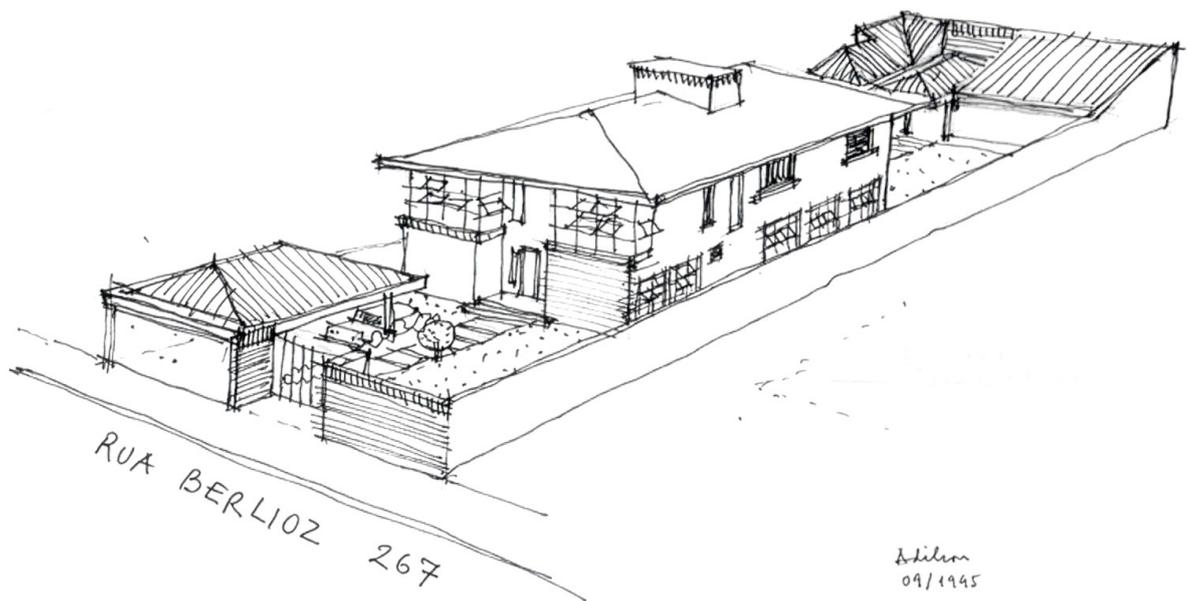


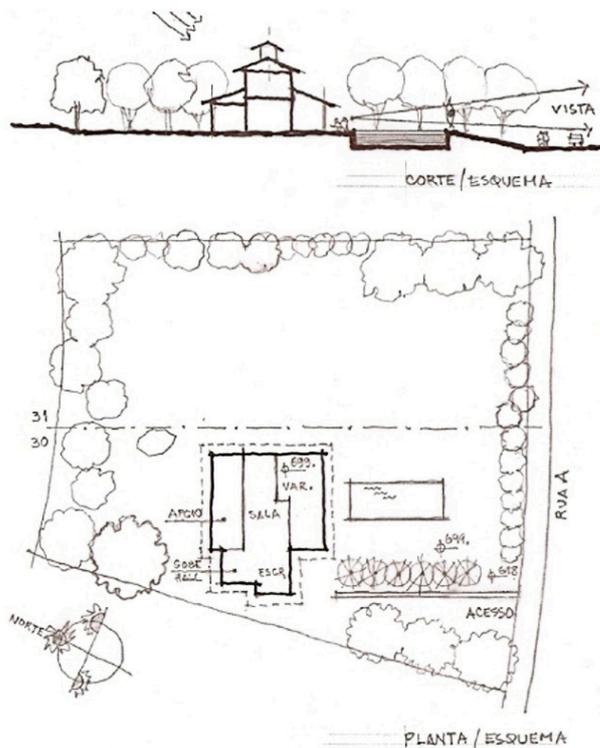
Figura 14: Residência Alto de Pinheiros, São Paulo. Fonte: Arquivo do autor.

facilidade dado o currículo do nosso escritório. Nas demais licitações aconteceu algo semelhante ao que Joaquim Guedes comentou no artigo já referenciado. Ou seja, quanto aos projetos de arquitetura, foram feitas licitações separadas para cada prédio na sequência escolhida pelo Departamento de Engenharia. Chegamos a participar de duas licitações e vimos que seria impossível chegar às partes subsequentes de nosso plano inicial. As construtoras representadas por arquitetos seus e visando ficar depois com a obra, ofereciam preços irrisórios para desenvolver os projetos completos. Assim, desistimos das licitações e nosso escritório se desligou do desenvolvimento deste plano. Em um ensaio escrito para a Revista *Projetar, Projeto e Percepção do Ambiente* n.18, setembro 2021, procurei mostrar como através de ideias provenientes e experimentadas em projetos de arquitetura cheguei a uma maneira de estudar e projetar partes da cidade. Assunto tratado em outros escritos, hoje adiciono ideias e trato de ampliá-las como uma teoria. Trabalho publicado no formato de um e-book pela Editora ANAP: 'Corredores e subáreas, como estudar a forma e projetar a cidade' (MACEDO 2020).

Nos ensaios para a Revista *Projetar* e no E-book mostro a conceituação e o caminho para a aplicação dos procedimentos de 'corredores e subáreas'. Sua origem vem do projeto da escola em Perú, citado no início deste texto onde explico como a interpretação do programa de necessidades e o estudo do sítio nos levaram ao projeto. Estudar os percursos, os elementos que se pode a eles agregarem, os nós de circulação e as áreas de maior permanência, pensadas em conjunto com pátios vegetados externos e internos e a determinação de pontos de referência. Diagramas daí resultantes podem alimentar ideias para projeto, seja para um edifício ou um setor da cidade. Definem princípios projetuais sobre os quais já escrevi e neste depoimento fico com projetos menores e mostro o exemplo de casas. Mas, entre projetos grandes e pequenos muita coisa tem a ver.

Apresento como um exemplo a residência situada em Itu, município do interior do estado de São Paulo, Condomínio Altos de Itu, lote de 1.000,00m². O proprietário possui o lote vizinho, que ficou como reserva para alguma construção futura; por enquanto um jardim. O interesse pelo projeto vem de um dos filhos do casal ser engenheiro, viver na Austrália e ter sensibilidade para as questões ambientais. Assim, sugeri para a família e para mim, que a casa de campo incorporasse quesitos de sustentabilidade. Atendemos logo e tiramos partido no projeto de elementos básicos, tais como reciclagem de água da chuva, para se lavar áreas externas e regar o jardim, ventilação natural e a economia no sistema de calefação, pois, o terreno fica em lugar alto, tem uma boa visão da cidade, mas há frio e vento, em particular durante o inverno. Para a compra dos materiais de construção foi dada preferência a materiais encontrados no município e compras em empresas de cidades próximas. A figura 15, mostra em 15A um corte longitudinal do terreno desde a via de acesso (lado direito) até a divisa de fundo com outro lote atrás. Este desenho foi do anteprojeto

Figura 15: Em 15A, corte longitudinal e planta do térreo; em 15B, vista para piscina e paisagem, foto 14.07.1925. Fonte: arquivo do autor.



A



B

e no final foi feito um muro de arrimo com pedras brutas desde o nível da piscina até o passeio público, por onde chegam até a casa os pedestres e automóveis. Na casa há três níveis, o social (térreo) o pavimento dos quartos e o terceiro destinado ao espaço dos equipamentos de apoio: duas caixas d'água, cada uma para mil litros (água potável e água de reciclagem da chuva) bombas e os condensadores dos aparelhos de ar-condicionado do tipo 'split' (quente-frio). A construção é do tipo convencional, estrutura de concreto armado, lajes pré-fabricadas mistas de cerâmica e concreto, as paredes de tijolos cerâmicos revestidas de argamassa para pintura e as telhas de cerâmica recozida. São materiais de boa qualidade, encontrados pela redondeza.

Em 15B aparece um croqui da planta e um corte longitudinal, ilustrações da fase de estudo preliminar do projeto. Observe o muro de arrimo, desde a calçada até o nível térreo da casa. O paisagismo proporciona privacidade para a área da piscina. A foto em 15B realça detalhes do telhado na forma tradicional de construir com calhas e condutores externos. Em projetos para residências sempre tenho vontade de utilizar métodos tradicionais de construir e aprender com eles. Isto parece-me dar apoio para as construções de maior porte onde a repetição dos elementos da construção pode ser mais bem explorada. Na verdade, existe uma impessoalidade maior quanto aos resultados a serem alcançados.

Na figura 16, em 16A, as barras verticais de ferro servem para facilitar e proteger quem for acessar o 'túnel técnico' utilizando uma escada convencional até poder segurar as barras de apoio. A figura 16B, mostra foto tomada logo ao fim da obra, desde o terreno detrás da casa para dar uma ideia do projeto, hoje em dia as árvores frutíferas plantadas impedem uma parte grande desta vista. Observe no primeiro pavimento as janelas envidraçadas do corredor dos quartos, elas permitem a quem estiver passando por lá observar a paisagem dos fundos; o quintal e o pomar hoje existentes. Esta foto foi tirada logo ao final da obra. Na parte superior do telhado o espaço técnico.

Figura 16: Em 16A detalhes do telhado, janelas, acesso ao pavimento técnico / telhado. Em 16B uma vista posterior da casa. Fonte: arquivo do autor.



Comentário final

Escrevi este depoimento imbuído da ideia de como aspectos da inserção social de um profissional, no caso o arquiteto, influem na evolução de seu encaminhamento profissional. No meu caso, vindo de família de classe média/média, meu pai foi o responsável pelo impulso inicial que delineariam as características do meu perfil profissional, pessoa interessada nos *constructos* de edifícios e espaços para serem lugares da cidade. Condição que na universidade me aproximou com as disciplinas relativas às técnicas, a construção, ao projeto de edificações e dos elementos urbanos. Lembro-me do tempo da faculdade onde muitos estudantes eram atraídos pelas questões relativas aos temas da arte, da sociologia e política; fortes filões naquele tempo. Parte dos alunos tomava gosto por questões influenciadas por professores, carismáticos e difusores de um certo ideário político, outros, sentiam-se à vontade com disciplinas de planejamento urbano e regional até mesmo sociologia, afastando-se da prancheta e do desenho arquitetônico. Eu fiquei no grupo dos alunos 'mais interessados em projeto', mas, admirava e respeitava os colegas e professores associados ao lado social da profissão, seu discurso forte, mas, eu não encontrei tempo nem interesse para desviar para este lado durante minha passagem pela FAUUSP. Neste depoimento procuro destacar situações pelas quais passei, mostrar o que me levou ser um arquiteto desenhador e professor. Provavelmente devido a curiosidade por aprender com o grupo de pessoas em meu redor, a minha família, as viagens que apareciam como um alento, algumas leituras, pensar, orientar o projeto de alunos e estudar o projeto de colegas próximos. Desenvolver meus projetos e refletir sobre eles. Trago para este depoimento um pouco da minha história pessoal como uma estória, que pode ter a ver com a de outros tantos colegas de profissão.

Referências bibliográficas

- ALEXANDER, C.; CHERMAYEFF, S. *Community and privacy: toward a new architecture of humanism*. London: Doubleday, 1963n: Doubleday, 1963.
- ALEXANDER, C. (1965) A City is Not a Tree. *Architectural Forum*, Vol 122, No 1, April 1965, pp 58-62.
- ALEXANDER, C.; NEIS, H.; ANNINOU, A.; KING, I. *A new theory of urban design*. Oxford: Oxford University Press. 1987.
- CALTHORPE, P.; FULTON, W. *The regional city*. Washington DC: Island Press, 2001.
- COSTA, L. *Plano Piloto de Brasília 1957*. Relatório do Plano Piloto de 1957, Wikipedia Commons.
- CULLEN, G. *Townscape*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1961, primeira edição.
- EISENMAN, P. Post-functionalism, *In: HAYS, K. Michael. Oppositions Reader*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1998,
- FAAR, D. (2008) *Urbanismo Sustentável*. Bookman. Porto Alegre, 2013 .
- GUEDES SOBRINHO, J. M. (2007) Monumentalidade x cotidiano: a função pública da arquitetura. *Revista PosFAUUSP*, n. 21, p. 26-49, 2007.
- GOMES, J. C. *A cidade: seu equipamento*. FAUUSP. Apostila. Setor de publicações. 1964
- HABRAKEN, N. J. (1961) *Supports, an alternative to mass housing*. London, Architectural Press, 1972.
- _____. *The structure of the ordinary, form and control in the built environment*. Cambridge, MA: The M.I.T Press, 2000.

- HOWARD, E. (1902) *Garden cities of tomorrow*, Cambridge, MA, The MIT Press, 1966.
- IMBRONITO, M. I.; MACEDO, A. C. *Tecido urbano do Distrito da Mooca: um estudo de tipos. Anais do seminário PNUM2016*, Guimarães, Portugal, 2016, p. 689-702.
- IMBRONITO, M. I.; MACEDO, A. C. Tipos de corredores e ruas locais do Distrito da Mooca, São Paulo. In: *Revista de Morfologia Urbana*, v.4, n.2, p. 85 a 105: Universidade do Porto, Portugal, 2016.
- JOEDICKE, J. *Candilis Josic Woods - Una década de arquitectura y urbanismo*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili. 1968.
- KOOLHAAS, R. *Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan*. (Rem Koolhaas publica "Delirious New York: A Retroactive ...") São Paulo, Cosac Naify, 2008. Original 1978.
- KRIER, L. *The architecture of Community*. London: Island Press, 2009.
- LYNCH, K. (1960) *A Imagem da cidade*. Martins Fontes, São Paulo, SP, 2006
- _____. (1962) *Site Planning*. Cambridge, MA. The M.I.T. Press, 1962.
- MACEDO, A. C. Projeto do Centro Educacional Gavião Peixoto, Perús, SP. Área construída 5.800,00 m², Fundo Estadual de Construções Escolares, FECE-SP. *Revista Acrópole*, dezembro 1968.
- _____. *A Carta do Novo Urbanismo Americano*. São Paulo. Arqtextos n. 082.03. Portal Vitruvius, 2007.
- _____. *O Novo Urbanismo na Europa*. Arqtextos n.094.03: Portal Vitruvius, 2008.
- _____. Seaside, ícone do novo urbanismo. *Paisagem e Ambiente*, São Paulo, FAUUSP, n. 29, p.171 a 187, 2011
- _____. Celebration: uma nova cidade tradicional americana. Universidade São Judas Tadeu, *Revista eletrônica ARQ.URB*, n.5, p.15 a 36, 2011.
- _____. *Praça do Boqueirão: sessenta anos*. São Paulo: Arqtextos n.117.01: Portal Vitruvius, December 2016.
- _____. Sobre projetos em malha: do edifício à cidade. Natal, RN, *Revista Projetar* n.18, setembro 2021.
- _____. Espaço para o projeto urbano, um estudo de caso. Natal, RN, *Revista Projetar* n.21, setembro 2022.
- _____. Da ideia ao projeto urbano. Natal, RN, *Revista Projetar* n. 23, setembro 2023.
- _____. Espaços como lugares da cidade. Natal, RN. *Revista Projetar* n. 26, maio 2024.
- MENEGUETTI, K. S. *Cidade Jardim, cidade sustentável, a estrutura ecológica urbana e a cidade de Maringá*. EdUEM, 2009.
- TACHIEVA, G. *Sprawl Repair Manual*. New York, Island Press, 2010.
- YEANG, K. *Proyectar com la Naturaleza*. Gustavo Gili, Barcelona, 1999.

Agradecimentos

Agradeço aos meus colegas do CEPLAN-UnB pela discussão sobre diversos trabalhos. À memória de meu finado pai Eduardo Costa Macedo e do amigo Joaquim Manoel Guedes Sobrinho. Ao amigo arq. Gastão S. Sales, pela crítica e o ajuste das imagens e aos companheiros da Revista Risco pelo trabalho de publicação deste depoimento.